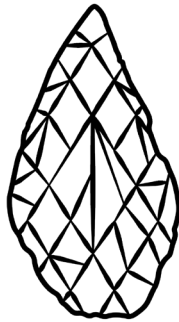


Alexandra S. Santos



Atharine

Ficha Técnica:

Título Original: Athanine

Autora: Alexandra S. Santos

Copyright © Alexandra S. Santos

Copyright © Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Revisão: Tânia Roberto e Rosalina Marques

Edição: Tânia Roberto

Design/Diagramação: Tânia Roberto e Alexandra Sofia Santos

Design de Capa: Alexandra Sofia Santos

1ª Edição: fevereiro de 2024

Acabamento/Impressão: Gráficas Ulzama

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 527961/24

ISBN: 978-940-3729-47-3



*Em memória da minha avó que gostava de contar histórias
e com quem vivi numa pacata aldeia*

Nota de Autora

Sempre fui fascinada por histórias de príncipes e princesas, guerreiros e guerreiras de capa e espada, e por heróis e heroínas com poderes sobrenaturais. Por volta do ano 2003, as histórias do menino feiticeiro já eram muito populares entre os jovens da minha geração e eu também não pude ficar indiferente. A cada livro ou filme que saía, a paixão crescia mais ainda. Mas, depois de os acabar, ficava um vazio que durava anos até sair um conteúdo novo. “*Então e agora? Quero mais! O que é que eu vou fazer? Pesquisar?*” *Impossível!* Eu não tinha computador e muito menos internet. A *net* da escola era lenta e os poucos computadores que existiam estavam sempre reservados. Solução: procurar livros com a mesma temática. Não encontrei nada. Àquela data havia poucos livros de fantasia publicados em Portugal e, ainda menos, na biblioteca da escola, o que se resumia aos grandes *bestsellers* (aborrecidos de ler e com linguagem pouco acessível), ou aos clássicos portugueses do programa nacional de leitura. Comprar estava fora de questão. Os meus pais mal conseguiam pagar os manuais que o abono escolar não cobria, quanto mais os de literatura. O que é que uma jovem de treze anos como eu podia fazer para conter a ansiedade até sair um novo conteúdo da minha saga preferida? Escrever! Só precisava de um caderno, de um lápis e de muito tempo livre. Tinha tudo para começar. Aquele universo de fantasia era tão inebriante que foi difícil contê-lo apenas na minha imaginação.

“*E se alguém aparecesse na minha aldeia e me batesse à porta a informar que ia estudar para outro mundo, um mundo com magia? O que é que eu faria? Como é que eu reagiria? Que motivo levaria a minha família a esconder-me essa informação?*” Com estas questões, em pouco tempo o enredo começou a ganhar forma na minha cabeça e as palavras foram fluindo para o papel, ganhando uma dimensão que eu não esperava. Dei a ler a minha história aos amigos e comeci a receber um feedback positivo. Criei uma *fanfic* de Harry Potter, que se passava anos mais tarde, com os filhos dos personagens principais; antes sequer de imaginar que pudesse algum dia existir *Cursed Child*! Contudo, e tendo em conta a admiração que tinha pela escritora que me inspirou, não queria macular a sua obra e guardei as minhas ideias na gaveta. Mais tarde, por volta dos meus quinze anos, ainda com o enredo todo

na minha cabeça, tomei uma decisão: acabar com a *fanfic* e criar a minha própria escola de magia com personagens novos. Athanine surgiu de três necessidades: preencher um vazio deixado entre as publicações dos livros da saga Harry Potter, querer ler mais histórias sobre literatura fantástica, com adolescentes e aventuras perigosas, e criar um livro com linguagem simples que fosse fácil de ler. Foram estas as premissas que chegaram aos dias de hoje e que deram origem a *Athanine, o Mundo da Magia*. Infelizmente em julho de 2009, e a menos de um capítulo do final, um trágico evento da minha vida levou-me a guardar *O Mundo da Magia* de volta na gaveta. Coincidência ou não, em 2021, e em consequência de outro episódio desagradável, voltei a tirá-lo de lá e a concluí-lo.

As músicas de Athanine



Um Poder Especial

I

Era uma noite gélida, sombria e chuvosa, apenas iluminada por uma réstia de luz, vinda de uma porta entreaberta. A claridade estendeu-se a partir da soleira do casebre, atravessou o curto logradouro e esbateu-se na berma da estrada de terra batida.

Quando finalmente a porta se abriu por completo, saiu uma jovem mulher de cabelos negros e ondulados, que carregava nos braços uma criança. Seguia na companhia de um homem que lhe segurava o guarda-chuva. Os três pararam do lado de fora e voltaram-se para o interior da habitação de onde surgia uma senhora.

— Pedro, tem cuidado! — dizia a de cabelos castanhos, pontuados por mechas grisalhas, apanhados em caracol na nuca.

— Vou ter cuidado redobrado, mãe. Não quero pôr a vida da minha família em risco. Mas temos de partir, não podemos demorar mais.

— Margarida, não se importa de ficar um pouco mais com a Susana? — pediu a jovem mulher. — Ela ainda é muito pequena para se envolver...

— Calculou as palavras. — Nestas correrias.

— Claro que não me importo, Cláudia. Sabem que adoro a companhia das minhas netas. Porque é que também não deixas a Tânia?

— Eu vou! — A voz da menina era suave e determinada.

— Ela quer rever o amigo. Não tem pedido outra coisa, ultimamente — esclareceu Pedro, esboçando um sorriso. Com a mão a tremer olhou para o relógio no pulso e depois para o automóvel. — Temos de partir. Todos os segundos são preciosos.

— É perigoso viajar com esta chuva. Porque é que não usam magia, ou o portal? Usem o portal. Sou eu que te estou a pedir! — insistiu Margarida.

Pedro e Cláudia entreolharam-se. A chuva começou a piorar.

— Por segurança desativámos o portal — explicou ele. — E também não podemos usar magia. Temos de ser discretos. Se alguém estiver a vigiar-nos pode detetar a nossa localização através das habilidades mágicas. Agora não temos tempo, mas, quando voltarmos, se for da tua vontade, podemos contar-te tudo o que está a acontecer. Também temos uma novidade para te dar. — Pedro deu um beijo rápido na testa da mãe e afastou-se. — Fica bem. Estaremos de volta o mais depressa possível.

O casal dirigiu-se para o carro que se encontrava a poucos metros da porta, perdido no escuro e na chuva que teimava em ficar mais forte.

Cláudia instalou Tânia no banco de trás, certificou-se que o cinto da cadeira estava bem apertado, entrou na viatura e os três partiram.

— Achas que é verdade? Que podem ter descoberto onde o deixámos? — questionou a mulher.

— Não perdemos nada em ir verificar. Pelo contrário, se for verdade e não fizermos nada para impedi-lo, terá consequências muito piores. — Olhou para ela. — Neste momento, só nós os dois é que podemos assegurar um futuro melhor para o Reino.

Entrelaçando os dedos nos dela, conduziu a mão de Cláudia aos lábios e beijou-a com carinho.

— Não te preocupes. Não quero que fiques nervosa, sabes que não vos faz bem. — Sorriu. — Por agora descansa.

Cláudia deixou cair a cabeça no ombro dele.



O tempo na estrada já era longo. O casal não dizia nenhuma palavra. Estava tenso. Pedro vigiava os espelhos retrovisores, mesmo não havendo carros por perto. Cláudia inclinava-se constantemente para observar o painel de bordo.

Apesar da hora tardia, Tânia não adormeceu.

—Tenho frio!

A mãe despiu o sobretudo para a aconchegar. Sentou-se e voltou a meter o cinto, deitando um novo olhar ao relógio do lado do conta quilómetros. Suspirou fundo.

— Bastava um simples gesto e já lá estávamos.

— Eu sei — concordou o marido. — Mas era o suficiente para nos descobrirem.

— Até quando é que vamos viver assim? Estou farta disto!

— Gostava de ter a resposta, mas não a tenho. — Puxou-a para si, acariciando-a. — Tem calma. Tudo se vai resolver. Confia em mim.

A estrada estreitava pela esquerda com uma encosta e, pela direita, num pequeno declive. A visibilidade ficou menor à medida que a chuva deu lugar à neblina cerrada.

O carro derrapou e Pedro angustiou-se.

— O que é que se passa? — perguntou Cláudia, inquieta.

— Fomos descobertos...

Tânia que havia cedido ao cansaço, acordou com o tumulto e os gritos dos pais a ecoarem no interior do veículo. No mesmo instante uma luz dourada preencheu o habitáculo ofuscando os seus tenros olhos. A viatura estabilizou e a luminosidade extinguiu-se, permitindo-lhe voltar a ver. Os faróis e as luzes do painel de bordo estavam apagados, impedindo-a de distinguir os contornos dos pais.

— Mãe! Pai! — Não lhe responderam. — Pai!

As vozes haviam cessado, restando apenas um silêncio inquietante e uma escuridão medonha.



II

O sol já ia alto quando Tânia acordou. Abriu o postigo da janela e a claridade inundou o quarto. Sentou-se e espreguiçou-se na cama, encostada à parede, contemplando o quintal das traseiras de casa. A um canto existia uma velha pereira carregada e, ao lado da horta, uma pequena capoeira com as galinhas da avó Margarida.

Lembrou-se que já faltava pouco para começar o secundário e iniciar o curso de Línguas e Humanidades. Levantou-se e dirigiu-se ao guarda-vestidos.

Abriu-o de lado a lado e encarou o seu reflexo no espelho embutido na porta. Os longos cabelos, escuros e ondulados, ultrapassavam a altura dos ombros. A pele era morena como o centeio, os olhos possuíam contornos amendoados e as íris eram da cor de um prado primaveril. Penteou rapidamente os fios de cabelo com os dedos, retirou uns calções e uma *t-shirt* básica e vestiu-se. Ao contrário de outras raparigas, Tânia não tinha paciência para cuidados exagerados com a aparência. Preferia o conforto de uma roupa simples e de um calçado casual à elegância de um vestido.

Saiu para o corredor e caminhou até chegar à pequena cozinha rústica, constituída por uma fornalha com fumeiro e um minúsculo fogão a gás. Sentada à mesa, estava Margarida, cujo cabelo ficou ainda mais grisalho com o passar dos anos.

— Bom dia, avó!

Deu-lhe um beijo na bochecha e juntou-se a ela.

— Isto são horas de acordar? — Abriu um sorriso e continuou: — Estou a brincar contigo! Aproveita que estas são as tuas últimas semanas de férias antes de a escola começar. Toma o mata-bicho. Podes ficar com o resto das minhas torradas. Eu sirvo-te o café. — Levantou-se, pegou na cafeteira que ainda estava no fogão e verteu o líquido para uma caneca de barro. — Fiz há pouco. Ainda está quente.

— Também pode deitar um pouco de leite?

Margarida anuiu. A viúva, reformada, e a sua irmã Susana foi tudo o que lhe restou da sua família após o acidente. A avó era uma mulher forte, perseverante e inflexível. Também era uma fonte de amabilidade e carinho inesgotáveis, apesar de quase nunca o demonstrar. Margarida converteu-se em mãe e pai para Tânia. As duas procuraram uma na outra o amparo e o refúgio para se manterem firmes e sagazes.

Bebeu o primeiro trago. Baixou a caneca e sorriu.

— Avó, esta gentileza toda logo pela manhã tem uma razão, não tem?

A mulher pegou numa pequena caixa com pratos e copos antigos, que estava em cima da bancada, e passou-a para a mesa.

— Queria que levasse isto para o sótão. Já me custa subir aquelas escadas, e com peso, pior ainda.

— Vi logo que tanta mordomia me ia sair caro — brincou.

Margarida voltou a sentar-se.

— Para quem dormiu até tarde estás com um ar abatido. — Tânia ficou em silêncio a fitar o conteúdo da caneca. — Não me queres contar o que é que se passa?

Hesitou por alguns segundos.

— Voltei a ter aquele sonho.

— Então não foi um sonho, foi um pesadelo — comentou em tom áspero, desviando o olhar.

Tânia conformou-se com o facto de a avó evitar falar no acidente e principalmente do passado dos pais, contentando-se com as escassas informações que lhe dera ao longo dos anos. Sempre que abordava esses temas, a mulher mudava de expressão ou ficava hostil. Margarida enviuvara cedo e, com a perda abrupta e precoce do filho mais novo, entrou em depressão. Para não aumentar a dor dela, a neta aprendeu a esconder a angústia de ser órfã e de não se recordar da vida que tinha antes da tragédia.

— Nem sonho, nem pesadelo, parecia real. — Tirou os olhos da caneca e encarou Margarida.

— Tânia, eu sei que tens esperança de recuperar a tua memória e que é a coisa mais importante para ti, mas, como eu já te disse, os...

— Os médicos disseram-lhe que isso é impossível. Perdi a conta às vezes que ouvi isso. Não me faz diferença, já me conformei. — Baixou a cabeça. — Eu só queria lembrar-me de como era o sorriso do meu pai e da minha mãe...

— Já te mostrei fotografias do teu pai.

— Mas da minha mãe não! — exasperou-se. — Sei que sou muito parecida com ela, mais nada. Dou por mim a olhar ao espelho e a imaginar que o meu reflexo é ela. — Procurou acalmar-se, respirando fundo. — A sensação que tenho é de nunca ter tido pais. Tenho consciência de que eles não vão voltar. Então, pelo menos, gostava que tudo o que ficou apagado voltasse à minha cabeça para poder recordá-los. Para ter uma referência mínima de quem eles eram.

— Basta-te saber que eram pais extremosos e dedicados, e o Pedro o melhor filho que Deus me podia dar. Quisera eu que a tua tia fosse metade do que ele se tornou. — Margarida esticou o braço na mesa e cobriu a mão da neta com a palma. — Não te preocupes, filha. Eu tenho a certeza de que a vida saberá como preencher esse vazio que sentes.

A mulher levantou-se da mesa pondo um termo definitivo à conversa.

O comportamento da avó intrigava-a cada vez mais. Há muito tempo que deixara de ser a criança ingénua de outrora e reconhecia que a matriarca lhe escondia algo importante. Contudo, não sabia como a abordar sem provocar um profundo mal-estar entre as duas.

— Leva a caixa para o sótão, deixa-a num canto qualquer, onde não se parta, e vem logo para baixo. Eu vou à mercearia e não me demoro. — Pegou no saco das compras, na chave do carro e saiu.

Tânia recompôs-se e terminou o pequeno-almoço.



Arrumou com rapidez a cozinha e, por fim, agarrou na caixa com a loiça.

Na ponta oposta do corredor existia um escadote, estreito e íngreme, que terminava numa pequena porta de madeira, embutida no teto. Subiu com a caixa debaixo de um braço e segurou-se à escada com o outro. Ao chegar ao topo, apoiou o corpo nos degraus e moveu o alçapão com a mão livre. A porta descreveu um semicírculo e caiu com estrondo no soalho de madeira do sótão. Tânia ergueu a caixa, empurrou-a para dentro da divisão e entrou. As primeiras vezes que o fez sentiu vertigens. Agora fazia-o com a destreza de um equilibrista de circo. Devia-o à prática de atletismo.

O compartimento era escuro e poeirento. Continha uma janela em cada empena, porém, eram insuficientes para iluminar bem o espaço. Existiam amontoados de caixotes pelos cantos e várias estantes, com e sem portas, encostadas à parede. Estavam repletas de utensílios e quinquilharias novas, e outras que já não tinham uso, mas que a avó se recusava em desfazer. Dizia que as guardava para o seu enxoval, ignorando que casar não estava nos planos da neta. Pegou na caixa e dirigiu-se a um armário mais alto e escuro que estava dividido ao meio. Por cima era composto por prateleiras e portas de vidro e por baixo de madeira. Tentou arrumar um espaço para meter o caixote, mas não teve sucesso. Pousou a caixa no chão e tentou nas portas de madeira. Estavam trancadas. Agarrou bem nas maçanetas e forçou o armário a abrir.

— Porque é que tu não abres? — bufou, frustrada. — Abre-te!

Após proferir as palavras, ouviu um estalido por dentro. O espanto de ver o conteúdo foi maior do que observar as portas abrirem sozinhas de par em par. Nas primeiras prateleiras, encontravam-se livros com encadernação clássica em couro de cores diferentes e lombadas largas, timbradas a ouro. Na última prateleira existiam pacotes de folhas secas de várias formas e frascos com líquidos de diversas cores. Na do meio, havia um livro que se destacava dos outros por ser muito mais pequeno. Tudo estava coberto por uma espessa camada de pó. Pegou num exemplar encadernado a couro castanho, passou com a mão para lhe tirar o pó e leu o título timbrado a ouro.

— «*Psicocinese para Iniciantes*». — Abriu-o e leu um excerto: — «O que é a Psicocinese? A psicocinese ou telecinesia é a capacidade de movimentar, manipular ou exercer força sobre um objeto ou indivíduo usando o poder da mente...»

Ficou ainda mais intrigada. Fechou o livro e devolveu-o à prateleira. Queria consultar os outros.

— «*História e Mitologia de Athanine*». Athanine? Nunca ouvi falar numa civilização com este nome.

Semicerrou o olhar na direção do mais pequeno e, após alguma hesitação, pegou nele, deixando o anterior no lugar. Desta vez deu um sopro que revelou as letras douradas e muito redondas, inscritas na capa de couro preto.

— «*Pedro Ribeiro*». — Tânia susteve o fôlego ao mesmo tempo que o coração deu um pulo no peito. — É o nome do meu pai.

Folheou-o lendo algumas passagens na diagonal. Era um diário de memórias escritas à mão pelo próprio. Segurou na lombada com uma mão e, com o polegar da outra, passou as folhas com rapidez. Do meio das páginas escorregou um pedaço de papel. Ao apanhá-lo do chão percebeu que se tratava de uma fotografia rasgada na vertical do lado esquerdo. Na foto estava retratada uma menina abraçada a outra pessoa, que era impossível identificar devido ao corte. Virou ao contrário, reparando na inscrição.

— «Tânia e Henrique, cinco anos». Sou eu, mas quem será o Henrique? Porque é que a rasgaram?

Tânia abriu o diário na primeira página, onde se encontrava uma fotografia do pai, intacta, apesar de um pouco amarelada do tempo. Os olhos eram meigos e tinham cor de amêndoa. O rosto era moreno e alongado. Os cabelos castanhos e lisos estavam penteados para o lado esquerdo. Ao contemplá-lo não conseguiu evitar que as lágrimas lhe vertessem dos olhos.

Ouviu passos na escada e assustou-se quando reparou numa cabeça a surgir pelo alçapão.

— Tânia! O que estás a fazer?

Margarida entrou no sótão. Quando viu o armário aberto ficou exaltada.

— Porque é que ainda estás aqui? Eu disse-te para deixares a caixa num sítio qualquer e que voltasses imediatamente para baixo! — Arrancou-lhe o diário das mãos, atirou-o para dentro do armário e bateu com as portas, fechando-o. — Agora mexes nas coisas dos outros? Onde está a educação que te dei? — gritou.

— De quem são estas coisas? São suas? São do pai? Responda!

— Achas que, depois de me desobedeceres, estás em condições de pedir explicações? Desce, já!

Frustrada e, sem coragem de fazer-lhe frente, obedeceu. Fechando-se no quarto em seguida. Dada a reação abrupta da avó, era claro que aqueles objetos poderiam estar ligados aos pais e ao mistério que Margarida tanto se empenhava em esconder.

As questões cresciam, em contrapartida, as respostas diminuía. Após o almoço, Tânia saiu de casa. A moradia de Margarida ficava num planalto. À frente dela havia pomares e vinhedos carregados, a terminar de maturar sob o sol quente de verão. Entre o casebre e os terrenos passava a estrada de terra batida que descia para o centro da aldeia, no vale. Do outro lado, o caminho seguia para o interior de uma frondosa mata.

Seguiu a estrada em direção à floresta. Embrenhou-se por um atalho no meio de azinheiras, carvalhos e pinheiros que já tinham visto crescer mais de dez gerações. O ambiente fresco do interior contrastava com o calor e a secura que se sentia em plano aberto. O solo e os troncos de algumas árvores estavam cobertos por uma camada fina de musgo. Conhecia a mata como ninguém.

Contornou giestas, urzes e fetos e saltou as margens de um regato abraçado pelas desmedidas raízes de um altíssimo e frondoso choupo. A melhor amiga já a esperava no pé da árvore onde combinaram se encontrar. Inês tinha cabelos e olhos castanhos e era um pouco mais alta. Frequentavam a mesma turma desde a primária.

Após sentar-se na raiz do choupo junto à amiga, Tânia contou-lhe sobre o que vira no sótão.

— Uau! Não me digas que a tua avó é daquelas mulheres que fazem umas rezas e tiram o mau-olhado...

— Não, a minha avó não é nenhuma curandeira.

— Bruxa, queres tu dizer.

— Não chames isso à minha avó! Ela nunca gostou dessas coisas. Sabes que é extremamente religiosa e que tem pavor de tudo o que pareça oculto ou sobrenatural.

— Estava só a meter-me contigo. — Inês ficou séria. — Descobriste lá alguma coisa importante?

— Nada que eu conseguisse entender. Havia livros de ficção científica e o diário do meu pai. Depois a minha avó chegou e não descobri mais nada. O diário pode dizer-me o que ela me esconde.

— Não faz sentido estar a esconder-te alguma coisa e, ao mesmo tempo, deixar aquelas coisas ao teu alcance.

— Talvez não soubesse que ali estavam. Ficou tão espantada como eu.

— Não achas que estás a ficar paranoica com esse assunto? Provavelmente não há mistério nenhum. Se calhar a tua avó não te diz nada, porque a entristece falar nos teus pais. O mais provável é que eles também não lhe contassem tudo. Todas as famílias têm segredos ou assuntos que preferem não conversar. A minha mãe quase não me fala da família dela, por exemplo.

— Durante muitos anos achei que fosse mesmo uma paranoia. Mas sempre que acontece uma coisa nova, penso o contrário. Tenho a certeza de que a minha avó me diz menos do que sabe.

— Gostava de te poder ajudar mais.

— Obrigada! Infelizmente, só eu posso fazer alguma coisa por mim.

Tânia não a queria aborrecer mais com os seus problemas e mudou de assunto.

— Então e tu? Já resolveste as coisas com o Miguel?

— Não! — confessou, cabisbaixa.

Ao contrário de Tânia, Inês era bastante insegura e irresoluta.

— Não sei porquê. Vejo de longe que gostam um do outro. Não será o teu medo e o teu orgulho que te impedem de se entenderem?

— Confesso que fui uma tola quando lhe dei uma nega. Vi o Miguel apenas como um bom amigo e não quis estragar a relação que tínhamos. Só que as férias estão a mostrar-me o contrário. Percebi que também gosto dele. Não importa, por esta altura já me deve ter esquecido.

— Só saberás se lhe perguntares. Marca um encontro.

— E se ele já não sentir o mesmo por mim? E se me rejeitar tal como eu lhe fiz?

— Isso não vai acontecer, confia em mim. O Miguel não guarda rancor de ninguém, muito menos de ti. Marca o encontro, que vai correr tudo bem.

— Já sei! Vou pensar numa desculpa para nos encontrarmos e ligo-lhe. Não passa de hoje! — exclamou, confiante.

— Sim, se te deixa mais segura, faz isso. Depois não te esqueças de me contar como foi.

Durante a tarde, o conteúdo do armário não lhe saiu da cabeça. Margarida nunca lhe iria contar a verdade e também não podia continuar quieta perante o mistério. Só existia uma alternativa: investigar. Em casa só conseguiria procurar pistas se a avó saísse. Mas ficara desconfiada e, tão cedo, não a deixaria sozinha, atenta a todos os passos que desse.



III



noite, quando se deitou, Tânia receou fechar os olhos e voltar a sonhar com o acidente. Foi demasiado vívido para se tratar de um pesadelo. Sentiu que deveria começar a investigar por aí. Lembrou-se que o semanário distrital tinha uma famosa coluna sobre sinistros. Acreditando que obtinha uma pista, acordou cedo e apanhou o primeiro autocarro para a cidade sem dar explicações à avó, deixando apenas um recado num bilhete. A biblioteca já era um espaço familiar para Tânia, que a visitava com frequência durante as aulas. Dirigiu-se à secção de imprensa e deteve-se no expositor dos jornais. Procurou pelo exemplar da primeira semana de novembro de 1995, retirou-o da pilha e folheou-o com cuidado. Tinha uma pequena coluna. O destaque ia para os acidentes com tratores. Desanimada, fechou-o e atirou-o para o lado.

O autocarro de volta à aldeia partia ao fim da manhã. Como teria de esperar, alargou a procura a todos os jornais regionais e nacionais da época. Numa edição de um famoso jornal sensacionalista, a manchete de um acidente prendeu-lhe a atenção pela semelhança com o seu caso. Abriu-o na página da notícia e leu-o:

DESPISTE DEIXA CRIANÇA ÓRFÃ

«Os meios de socorro foram acionados durante esta madrugada para assistir um jovem casal e uma criança que seguiam numa viatura que se despistou. A menor foi resgatada com vida, mas o óbito dos pais foi confirmado no local.

O caso está a intrigar as autoridades e, segundo o comandante da polícia, **“o sinistro apresentava características que divergem da norma para um caso de despiste”**. A suspeita do envolvimento de terceiros foi descartada por não terem sido detetados outros destroços, ou vestígios de sangue de animais selvagens no perímetro da ocorrência. O caso seguiu para investigação.»

As imagens mostravam o carro com os pneus vazios e os vidros estilhaçados. O capô e o tejadilho estavam bastante amolgados, assim como as portas. Tânia pousou o jornal aberto numa mesa próxima e recolheu do expositor as edições dos dias seguintes. Precisou de consultar mais de seis meses de tiragens até encontrar uma nova referência.

HOMICÍDIO SEM CULPADOS: CASO É ARQUIVADO

A rapariga saltou a introdução e parou no corpo da notícia.

«...O relatório dos médicos legistas e o da perícia foram unânimes ao referir que os danos na viatura não eram compatíveis com os ferimentos graves detetados na autópsia aos corpos, nem com as marcas e os destroços encontrados no local. O indivíduo do sexo masculino apresentava múltiplas fraturas na cervical, o que resultou na morte imediata. O técnico da perícia adiantou ao nosso jornal que **“em tantos anos de profissão nunca tinha visto um caso assim”**. Destacou ainda o facto de a viatura exhibir **“mossas e vestígios de um material desconhecido semelhante à graxa”**.

Já o porta-voz da polícia judiciária assumiu a hipótese de capotamento. Referiu que **“a tinta preta e as marcas podem ser anteriores ao sinistro e que a meteorologia, associada ao excesso de velocidade, causou a morte imediata aos ocupantes”**, à exceção da menor que escapou ilesa. Relembramos que o aparatoso acidente aconteceu no dia trinta de outubro do ano passado. Não havendo novas evidências ou provas que sustentassem a tese de crime, esta semana a PJ deu o caso por encerrado e arquivou o processo.»

A bibliotecária aproximou-se.

— Fechamos dentro de dez minutos para o almoço.

Tânia confirmou as horas no relógio de pulso. Não era o fecho que a preocupava. Precisava de apanhar o autocarro para a Salgueirinha e o tempo apertava. Fotocopiou o corpo das duas notícias, depositou todos os jornais no carrinho de recolha e correu para a rodoviária. Perder o transporte e ligar à avó para ir buscá-la à cidade não estava nos seus planos. Felizmente, chegou a tempo.

— Onde estiveste? — perguntou Margarida ao chegar a casa.

— Fui à biblioteca. Não viu o recado que eu deixei na mesa?

— Sim! Se era importante para ti, podias me ter pedido que eu levava-te.

— Não a quis incomodar.

— Até quando vais ficar amuada comigo por causa de um monte de tralha velha?

— A tralha não importa. O que a avó me esconde é que me chateia.

Tânia tirou as fotocópias da mochila e esticou-as para a mulher. Margarida foi buscar os óculos e examinou-as. Ao dar-se conta do que se tratava, parou de respirar por instantes e ficou lívida.

— Reconhece?

— É o carro do Pedro — sussurrou. As rugas aprofundaram-se-lhe no rosto. Clareou a voz e encarou-a. — Foi isto que foste fazer à cidade?

— Se a avó me contasse o que sabe, eu não precisava de investigar por conta própria.

— Investigar o quê? Não há nada para investigar. Toda a gente sabe que este jornal é um lixo. Alimenta-se de especulações. Já te disse que não há nada no passado que te faça falta. Deixa a alma dos teus pais descansar em paz e contenta-te com o presente!

A mulher atirou as folhas para cima da mesa. Sem nada a acrescentar, Tânia recolheu-as e foi para o quarto. A confirmação só adensou as suspeitas. Algo muito grave tinha acontecido e Margarida continuava resoluta em contar-lhe a verdade. Dobrou as fotocópias e guardou-as na gaveta da secretária, junto das medalhas ganhas nas provas de atletismo. Apesar de tudo, não encarava o desfecho da investigação como um fracasso.



Na manhã seguinte, o som de alguém a bater à porta com insistência, despertou-a. Primeiro ignorou e deixou-se ficar. Ela e a avó viviam isoladas e, tirando o padeiro que vinha duas vezes por semana, era raro receberem visitas. Abriu os olhos lentamente. Dada a insistência, decidiu levantar-se e ir atender. Vestiu um robe e saiu do quarto.

Na cozinha já estava Margarida, que também se levantara de propósito e preparava-se para abrir a porta. Quem aguardava do outro lado era uma rapariga pouco mais velha que a neta. Alta, magra, de pele clara e rosada nas bochechas e cabelos compridos, loiros como raios de sol. Envergava uma gabardina *camel* até aos joelhos e nas mãos usava luvas da mesma cor. Nos braços, junto ao peito, segurava uma pasta de couro.

— Bom dia!

— Pode ir-se embora que não estou interessada em comprar nada. Com licença. — Margarida fechou-lhe a porta. — Esta gente! Sempre a querer vender a banha da cobra.

A rapariga tornou a bater.

— Talvez não seja uma vendedora. Pode vir da parte dos tios com algum recado importante. — Relembrou Tânia.

— Então, abre tu. Mas se for para vender alguma coisa, não percas tempo e manda-a embora.

— Bom dia! — atendeu Tânia.

— Bom dia! — cumprimentou sorridente. — Parece que houve um engano. Deixem que me apresente, o meu nome é Cristina Martins e venho em nome do Professor Manuel de Sousa, diretor da Escola de Artes Mágicas, que já devem conhecer.

— Como disse? — Margarida voltou atrás.

Tânia riu-se. O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi que se tratava de um equívoco, ou de uma partida de mau gosto.

— Venho em nome do diretor da Edam entregar esta convocatória à menina Tânia de Sousa Ribeiro. Cristina retirou um envelope da pasta e entregou-o em mãos à destinatária.

Tânia recebeu-o. Um odor a rosas preencheu o ar, perfume igual ao da jovem loira. Estava endereçado em seu nome e o remetente era o tal professor.

— Tânia, vai para dentro! — ordenou a avó, exaltando-se.

— Porquê? Não! A visita é para mim, não ouviu? — ripostou do mesmo modo.

— Não sei o que pretende com essa conversa, mas peço que não diga nem mais uma palavra e que se retire imediatamente. Não estamos interessadas no que tem a dizer.

— Deve haver algum engano. Quem és tu e o que queres de mim? — questionou Tânia.

— Isso significa que desconheces o significado da minha presença e desta convocatória? — indagou Cristina. Desviou o olhar e murmurou: — O professor Manuel alertou-me para a eventualidade de isto acontecer.

— Nós não queremos nada de vocês nem da vossa gente. Por favor, já pedi, vá-se embora de uma vez por todas!

— Não posso fazê-lo sem uma resposta da Tânia. — Apontou para o envelope nas mãos dela. — Foi a ordem que ele me deu.

Algo muito sério estava a acontecer. E pelo comportamento hostil e repulsivo de Margarida, podia deduzir que estava ligado ao seu passado e ao dos pais.

A jovem sabia o seu nome completo e a sua expressão parecia bastante convincente para se tratar de uma mera brincadeira de mau gosto.

— A avó sabe de alguma coisa e não me quer contar, é isso?

Tânia teve a confirmação com o silêncio dela. Decidiu abrir o envelope na esperança de que pudesse conter a resposta a tudo.

— «Tânia» — leu em voz alta, contrariando a vontade da avó, cujo semblante era de desaprovação. — «Agora que estás perto de completar dezasseis anos, que é a maioridade em Athanine...». — Lembrou-se que vira o mesmo nome gravado na capa do livro no sótão. — «...estás convocada a ingressar na Escola de Artes Mágicas, onde poderás estudar numa das nossas três Classes: Druidas, Feiticeiros ou Sílides. Contamos com a tua presença, pois era da vontade dos teus pais que a tua formação fosse concluída nesta instituição. Atenciosamente, o professor Manuel de Sousa.»

— Não acredito que o teu pai te fez isto — murmurou Margarida, desinquietada e com repulsa, enquanto tentava disfarçar os olhos marejados.

— Avó, conte-me tudo. — Tentou manter a calma e a cordialidade. A mulher não conseguiu encarar a neta e engoliu em seco. — Porque é que recebi esta carta? Nunca quis confrontá-la por respeito a si e ao que sente. Mas já percebi há muito tempo que não se trata apenas do luto. Sei que esconde de propósito o passado dos meus pais. O *meu* passado! — Inspirou fundo. — Estou a dar-lhe a oportunidade de ouvir da sua boca uma explicação para isto. Senão, vou ter de escutar da Cristina, ou de continuar a investigar.

Margarida parecia irredutível e alternou o olhar entre a neta e a jovem. Teria fugido, como fez em tantas ocasiões, contudo, sentiu que desta vez era diferente. O motivo que se esforçara a esconder, chegou à porta e não tardaria muito para que Tânia o descobrisse. Sentou-se e pediu para a neta fazer o mesmo. Com um mover de dedos, convidou a visita, que continuava à entrada, a juntar-se-lhes.

— Por favor, conte-me a verdade, qualquer que seja. Estou preparada para ouvi-la.

A idosa encarou Tânia, agora mais calma.

— Em primeiro lugar, quero sublinhar que, se te escondi o passado dos teus pais, não foi por má vontade e muito menos para te atingir. Poderás pensar que fui egoísta por nunca te ter revelado nada. Assumo o risco. Guardei este segredo durante estes anos unicamente a pensar na tua segurança e na tua proteção. — Entrelaçou os dedos em cima da mesa e, com a relutância e a frieza habituais, continuou: — Sem eu saber, o teu pai, quando tinha a tua idade, saiu de casa e desapareceu durante muito tempo para aprender... habilidades mágicas.

— Como assim? Era um mágico ilusionista? Que mal é que há nisso para eu não poder saber? — Riu-se.

Margarida olhou para Cristina e a rapariga entendeu a dificuldade da idosa.

— Não, Tânia, não se trata da magia que conheces. A tua avó está a falar da magia de Athanine, a Magia Primordial. A mais poderosa que existe e que só está ao alcance das pessoas que nasceram dotadas.

— E o teu pai foi uma delas — acrescentou a avó. — Foi nesse mundo da magia que ele conheceu a tua mãe. Foi onde tu e a tua irmã nasceram.

— Então, os meus pais eram...

— Feiticeiros — revelou Cristina.

Tânia não conseguia crer no que ouvia. Achava que estava a viver uma história saída de um livro de ficção, ou o enredo de um filme de fantasia, e que nada daquilo era real. Ou então, dentro em breve acordaria e aperceber-se-ia que tudo não passava de um sonho.

— Nunca imaginei que, mesmo após a morte dos teus pais, alguém havia de bater à porta a convidar-te para seguir o mesmo caminho — ripostou Margarida com desagrado.

A neta não ponderou muito sobre o assunto. Queria ver até onde é que aquela história ia e descobrir com os próprios olhos se era verdade.

— Se era do agrado dos meus pais, eu vou seguir o mesmo caminho. — Olhou nos olhos da avó, determinada.

— Não sabes o que dizes.

— Não precisa de ter receio — amenizou a jovem. — Eu fui destacada pelo professor Manuel para assegurar a segurança da sua neta.

— Foi só este o recado que a menina veio trazer, correto? — A jovem anuiu. — A minha neta não precisa de lhe dar uma resposta hoje, pois não?

— Não, ainda temos alguns dias até as aulas começarem. Em todo o caso, eu voltarei dentro de três dias. — Levantou-se e dirigiu-se a Tânia. — Pensa com calma. No dia em que eu voltar, se a resposta for positiva, prepara uma mala com os teus pertences. Virei buscar-te para Athanine. Só regressarás a casa daqui a quatro meses, na primeira interrupção das aulas, no final do primeiro trimestre.

Tânia assentiu com a cabeça e acompanhou Cristina à porta. Esta despediu-se cordialmente e saiu.

— Estás de cabeça quente — prosseguiu Margarida, assim que a neta fechou a porta. — Iludida com a ideia de recuperar os anos perdidos sem os teus pais. Não tens noção do que pode estar à tua espera no Outro Mundo!

— Ainda não me contou tudo, pois não?

— Quando te disse que sabia pouco sobre os teus pais, estava a ser sincera. Não sei pormenores sobre a vida que eles levavam no outro lado. E nunca quis estar ligada à magia nem a nada que fosse sobrenatural. A pior coisa que podia ter acontecido ao teu pai foi meter-se com essa gente. — A mágoa nas palavras era evidente.

— Quando se refere a *essa gente*, também inclui a minha mãe?

Margarida parou para respirar e corrigiu num tom contido.

— Não, não estava a referir-me à Cláudia. Nunca escondi o meu apreço por ela, portanto, não duvides do que eu digo. O teu pai tinha inimigos no Outro Mundo. Eu tenho razões para acreditar que não foi um acidente que tirou a vida deles. A começar pelo facto de teres sobrevivido quase por milagre, apenas com amnésia. — Baixou por segundos o olhar, antes de encarar a neta. — Não é estranho? Não tinhas ferimentos na cabeça nem apresentaste sintomas de *stress* pós-traumático. Por que razão dois adultos morrem num despieste e só uma criança sobrevive?

— Não é impossível. Ouvimos todos os dias nas notícias casos de crianças que foram as únicas sobreviventes em acidentes rodoviários.

— Não estás a entender. Eles eram feiticeiros, tinham poderes que tu nem imaginas. Podiam ter escapado facilmente, ilesos. O capotamento foi a justificação encontrada pela polícia para explicar a morte deles. Alguém estava interessado em acabar com a vida dos teus pais. — Fez uma pausa. — Eu levantei a tese de assassinio às autoridades. Mas que argumentos tinha para a sustentar? Que eles eram feiticeiros? Que viviam noutra dimensão onde podiam ter inimigos? O mais certo era chamarem-me de louca e internarem-me. Ou, no mínimo, tirarem-me a tua guarda. Aliás! Por muito menos, a tua tia Paula ficou com a da Susana, lembras-te?

— Sim, eu sei. Ela subornou a justiça para ficar com a Susana. Ela e o tio Victor são os seres mais egoístas e mesquinhos que conheci.

— Entendes agora a minha reserva em relação a tudo isto? Entendes o perigo que esta história representava e a razão que me levou a ocultar-te o teu passado? — Tânia abanou a cabeça afirmativamente. — Só quero proteger-te, que é o que todas as avós querem. Que vivas e sejas feliz, e pensei que a tua felicidade passasse por desconheceres a vida dos teus pais. Preferi não falar nada a ter de te contar uma mentira qualquer. Ou preferias crescer com uma imagem falsa e ficcional sobre eles?

— Não! Ia sentir-me ainda mais enganada.

— Então, agora que sabes a verdade, esquece isso. Esquece que o Outro Mundo existe, esquece a escola, a magia...

— Não! Isso não! — exclamou, contrariada. — Sobretudo agora, sabendo

da suspeita de assassinio. Tenho de descobrir o que realmente aconteceu. Quem é, ou quem são os responsáveis e qual foi o motivo. Vou fazer isso por eles e por nós.

— Tânia, filha. — Os olhos da mulher ficaram marejados. — Não te envolvas nisso. Não te quero perder também. Nunca viste os poderes que eles têm. Não sabes do que são capazes. Os teus pais eram poderosos e desapareceram. Nem sabes se podes confiar nessa Cristina e muito menos no tal professor.

— Se quisessem realmente acabar com a minha vida, perderam a oportunidade perfeita naquele dia. Mas, pelo que eu suspeito, limitaram-se a apagar a minha memória. Não, não acho que virão atrás de mim.



IV

Pensou o resto da manhã no que levaria na mala para o Outro Mundo. Apesar do clima de tensão que ficou entre as duas, nem ela nem Margarida tocaram mais no assunto. A idosa ausentou-se, deixando-a sozinha em casa. Bateram à porta. Seria Cristina de novo? A rapariga correu para atender.

— Miguel! — Tânia ficou feliz pela surpresa.

Miguel era filho da tia Paula, a irmã mais velha, e única, do pai. Ele, Susana, e os tios eram os únicos familiares vivos que conhecia. A altura dos dois era semelhante, porém, ao contrário dela, os cabelos e os olhos do rapaz eram castanhos. Os dois frequentaram a mesma turma, juntamente com Inês.

— Tânia, há quanto tempo!

— Desde o final das aulas. Como está a minha irmãzinha?

— Está na mesma. Presunçosa e fútil como sempre.

Riram-se. Susana era dois anos mais nova que Tânia. Depois do acidente, a tia fez de tudo para tirar a guarda dela a Margarida, acabando por ser bem-sucedida. Tânia cresceu tendo uma vida pacata e humilde na Salgueirinha. Enquanto isso, a irmã viveu na cidade, tendo acesso a todos os privilégios e mordomias, com os quais a tia a mimava. O primo era o oposto de Susana. Apesar da condição económica favorável dos pais, era um rapaz simples, humilde e bem-disposto. Nunca se deixou iludir e tão pouco se vangloriava da sua posição financeira.

— A avó? Não está em casa?

— Acabou de sair.

— Que pena, vim cá para dar-lhe um beijo e ver como estavam. Enfim, passo depois para a ver.

— Vieste cá só para ver como estávamos?

— Não! Não foi só por isso. — Inspirou fundo. — Preciso de desabafar contigo. Além de amiga, és como se fosses minha irmã, e arrisco a dizer que és a minha única confidente. E neste momento estou a precisar do teu ombro.

— Podes contar sempre comigo. No que eu puder ajudar, estou aqui de braços abertos, sabes disso.

— É que...

— Ah! Estou a ver. — Tânia constatou que Inês ainda não tinha tomado a iniciativa. — É sobre a Inês que queres falar, não é?

— Sim, é. — Mordeu o lábio e desviou o olhar.

Tânia conhecia ambos perfeitamente. E por aquela altura sabia que eles precisavam apenas de um pequeno empurrão para se entenderem de vez. O conselho que deu à amiga serviria de igual modo para o primo.

— Marca um encontro e declara-te.

— E vou correr o risco de ela me rejeitar outra vez? Não. Eu já fiz de tudo para chamar a atenção da Inês, mas parece que continua indiferente aos meus sinais. Estou prestes a desistir.

— Não desistas agora! Já jogaste todas as tuas peças. Está na hora do xeque-mate. Marca um encontro e declara-te. Desta vez ela não dirá que não.

Miguel sempre fora muito popular entre as raparigas da escola, no entanto, era de Inês que ele sempre gostara. Contudo, a amiga rejeitou-o por diversas vezes.

Tânia, sem querer envolver-se, acabou por tornar-se confidente dos dois. Estando a par dos medos e das incertezas de ambos, fez o que pôde para que se entendessem.

O seu esforço parecia estar finalmente a dar frutos.

— Tens a certeza de que ela vai aceitar? — Miguel ainda estava reticente.

— Não confias em mim?

— Sim, claro que sim.

— Então, é só mais um esforço. Tem coragem! — Tânia ficou alguns segundos em silêncio. — Ainda bem que apareceste. Tenho uma coisa importante para te dizer.

— É sobre a avó? Ela não está bem? Tem algum problema de saúde?

— Não, não é a avó. Ela está bem. Eu é que vou mudar de escola e preciso ausentar-me da aldeia por alguns meses.

— Porquê? — Miguel ficou boquiaberto e franziu os olhos. — Então e eu? A Inês e o resto do pessoal? Escolhemos cursos diferentes, mas tínhamos combinado ficar na mesma escola. Vais deixar-nos? Para onde é que vais?

— Por agora não posso revelar-te mais nada, além de que esta é a minha vontade e que vou embora com todos vocês no coração. Não se preocupem comigo, eu vou ficar bem. Confia em mim, tenta compreender e deseja-me sorte.

— Está bem. — Ficou reticente. — Confio em ti e, se não me podes contar mais nada para já, acredito que seja por um bom motivo. Vou esperar que chegue logo o dia em que me possas contar tudo.

Tânia também desejava que esse dia se concretizasse. Destroçava-lhe o coração mentir às pessoas em quem mais confiava.

— Boa sorte! Espero que essa seja a escolha certa para o teu futuro e que sejas feliz. Vai mandando notícias.

— Sim! — Sorriu. — Por favor, enquanto eu estiver fora, promete-me que virás com mais frequência à aldeia ver como está a avó. Tenho receio de a deixar sozinha, mas, é inevitável.

— Não te rales. Vai descansada que eu fico de olho nela. — Tânia abraçou-o com força.

A porta da cozinha estava aberta. Os dois estavam próximos quando Inês apareceu na entrada. A rapariga apercebeu-se da presença da amiga e, conhecendo-a bem, sabia que estava a tirar ilações erradas do que via. Inês virou costas e desapareceu a correr, sem permitir que Tânia pudesse fazer ou dizer algo para se explicar. Como Miguel não se apercebeu de nada, resolveu não mencionar o assunto para não o deixar ainda mais ansioso.

— Eu também vou querer saber notícias vossas. — Tânia apartou-se dele. — Vá! Agora vai para casa planear o teu encontro. Tens de escolher um sítio bonito para a levar...

— Sim, claro. Tens razão. — Miguel deu-lhe um beijo de despedida na testa e saiu, animado. — Diz à avó que estive aqui e dá-lhe um beijo por mim. Adeus!

— Está entregue! Adeus! — Acenou-lhe com a mão, enquanto o viu afastar-se em direção à aldeia.

Tânia tinha de falar com Inês o mais rápido possível. Deixou um bilhete à avó e partiu. Enquanto atravessava a mata lembrou-se das tardes de primavera passadas com Inês e Miguel à procura de amoras silvestres e do outono a apanhar castanhas e pinhões. Costumava vir com frequência recolher lenha com a avó e, no inverno, acompanhava-a na procura de musgo para a construção do presépio da aldeia. Também se recordava dos melhores

pontos de esconderijo, do período em que brincava às escondidas com os amigos pelas encostas. Na época em que eram singelas crianças indiferentes às responsabilidades e ao correr do relógio, deixando avó e pais em prantos à procura deles.

Aquele passado parecia ficar ainda mais distante a cada passo que dava. Tânia tomava consciência de que o tempo continuava a passar e que a sua vida iria mudar para sempre assim que deixasse a Salgueirinha. Em breve partiria e deixaria de ver os amigos com tanta frequência, resultando, a curto prazo, no inevitável afastamento deles.

À sua frente abria-se uma clareira. No meio situava-se uma vivenda térrea, com portas e janelas de madeira, paredes pintadas de branco e adornada com barras em azul-escuro nas extremidades e à volta das ombreiras. Deu a volta à moradia até chegar à entrada. A porta principal tinha um postigo, coberto por cortinas brancas, bordadas em croché. Bateu e aguardou até que alguém a atendesse.

— Tânia! Olá, querida. — Uma senhora baixa, roliça e de cabelos alourados, apareceu, enquanto limpava as mãos molhadas no avental que trazia ao peito.

Samanta, mãe de Inês, adorava receber visitas e tratava-as como se fossem da família. Tânia não era exceção. Como a avó, a mulher também era viúva e dedicava os dias a fabricar produtos de panificação e pastelaria que vendia na mercearia da Salgueirinha e nas aldeias vizinhas. Antes de Margarida se reformar era com Samanta que a rapariga passava parte do dia, quando chegava das aulas. Ficava a estudar e a brincar com Inês até a avó regressar de casa das clientes, onde trabalhava como doméstica.

— Entra! Acabei de fazer uma receita nova de bolinhos. Tens de os provar.

— Obrigada! Devem estar deliciosos, como sempre.

— Vens à procura da Inês?

— Sim, ela está?

— Chegou há pouquinho. Não parecia muito bem-disposta. Meteu-se logo no quarto, sem dizer nada.

— Posso ir falar com ela?

— Sim, claro! Já conheces os cantos à casa. Vai ter com ela. Pode ser que se anime. — Já ia a caminho quando a voz da mulher se fez ouvir. — Mas não te esqueças! Antes de ires embora tens de provar um dos meus bolinhos.

— Com certeza. — Esboçou um sorriso.

Em frente à porta principal havia um corredor que dava acesso aos quartos. Tânia bateu na primeira porta. Como ninguém respondeu, verificou se estava aberta e entrou.

Inês estava sentada em cima da cama, abraçada a uma almofada, na qual despejava toda a sua tristeza. Quando viu Tânia, levantou-se e atirou-lha com força. A outra, prevendo uma reação agressiva, desviou-se a tempo.

— Inês, não sejas infantil! — Tânia apanhou a almofada e depositou-a em cima de uma cadeira próxima.

— Vocês são uns traidores! — gritou Inês. — Dizem que são só amigos, mas passam o tempo todo agarrados! Aposto que quando eu viro costas fazem troça de mim.

— Quantas vezes eu preciso de repetir: somos como irmãos! Crescemos juntos. É natural que haja uma cumplicidade maior entre nós. Se eu gostasse dele, porque é que iria ajudar-te?

— Talvez para gozar com a minha cara!

— Pelo contrário! Nesse caso, teria dito ao Miguel que desistisse, que te esquecesse de vez. — Parou para se acalmar. — Ele sempre gostou de ti! E eu sempre o apoiei. E, apesar de saber que isso o deixava triste, também te apoiei quando optaste por não querer envolver-te com ele. Compreendes a minha posição? Entendes que não foi fácil para mim dividir-me entre os dois? Mas eu dei o meu melhor por vocês e só quero que sejam felizes.

— Então, porque é que o estavas a abraçar daquela maneira?

— Foi para me despedir. Vou mudar de escola. Parto em breve e não volto tão cedo.

— Não tens uma desculpa melhor? — perguntou Inês, desconfiada. — Ninguém muda de escola de um dia para o outro. Queres enganar quem, com essa história?

— Inês! — Tânia estava quase a perder a paciência. — Para com essa desconfiança e deixa de ser infantil! Só na tua cabeça é que eu e o Miguel andamos. Abre os olhos ou vais acabar por perdê-lo de vez.

— Sai — ordenou Inês, perentória. — Sai! SAI!

— Tenho pena que isto termine assim. O Miguel há de procurar-te em breve. Espero que não o enxotes mais uma vez, tal como estás a fazer comigo agora. — Virou-lhe costas e deixou o quarto.